

Miroslav Milovic²

Resumo: Inspirado na crítica de Lacan e Deleuze à psicanálise, o artigo analisa a ética vinculada ao desejo e a afirmação da potência. O enfoque primordial é entender a ética como processo da dinâmica permanente da imanência da vida e o desejo como ato revolucionário. Ao final, fica explícita uma diagnose da sociedade capitalista, capturada pela lógica econômica, e a necessidade de uma ruptura interligada à diversidade de devires.

Palavras-chave: Lacan, Deleuze, ética, Anti-Édipo, devir.

Abstract: Inspired by Lacan and Deleuze's critique of psychoanalysis, the article analyzes ethics linked to desire and the affirmation of potency. The primary focus is to understand ethics as a process of the permanent dynamics of the immanence of life and desire as a revolutionary act. In the end, it makes explicit a diagnosis of capitalist society, captured by economic logic, and the need for a rupture linked to the diversity of becoming.

Keywords: Lacan, Deleuze, ethic, Anti-Oedipus, become.

INTRODUÇÃO

Hoje ainda podemos falar sobre o sujeito? A importância da psicanálise está ligada a elaboração dessa questão. Toda a tradição, mesmo sem colocar a pergunta sobre o Sujeito de uma maneira explícita, trata de uma relação consciente com o mundo.

Em um momento, na época moderna, essa consciência vai se articular com a pergunta explícita sobre o Sujeito. Mas, é possível falar sobre algo além da consciência, é possível falar sobre o inconsciente? Na tradição, a questão da consciência fica ainda relacionada às possibilidades linguísticas de articular a relação com o mundo. A linguagem fica, assim, sempre representativa? E ainda

¹ O presente texto faz parte do projeto "Direito como potência". No segundo semestre de 2018, Miroslav Milovic ministrou o curso "Direito dos nômades - Acontecimento e Multiplicidades em Deleuze" na UnB. Este texto é o resumo do Curso. Foi escrito em dezembro de 2018.

² Graduado em Filosofia na Faculdade de Filosofia de Belgrado, doutorado de Estado em Filosofia - Université de Paris IV (Paris-Sorbonne) e doutorado em Filosofia na Universität Frankfurt (Johann-Wolfgang-Goethe). Foi Professor Titular do departamento de Direito da Universidade de Brasília e do programa da pós-graduação em Metafísica, UnB, atuava principalmente nos seguintes temas: filosofia contemporânea, ética e direito, filosofia moderna e filosofia política. Autor de livros publicados em vários países.

mais, essa linguagem revela o próprio inconsciente? São as perguntas iniciais para entender a psicanálise.

Desde a tradição grega, nós entendemos o pensamento como o caminho para chegar até as estruturas comuns das coisas. O verbo grego *sumválo* (*Συμβαλλω*) indica essa aproximação ao universal. O verbo contrário *diaválo* (*Διαβαλλω*) indica o caminho oposto, ou seja, se afastar do universal e se aproximar às contingências particulares; onde, inclusive, se perde a verdade sobre mundo.

Por isso, *diaválo* é uma tentativa perigosa, abandonando o universal em nome das contingências. A palavra diabo vai aparecer por aqui, ligada ao verbo *diaválo*. Desde o início da nossa cultura estamos, então, representando e simbolizando o nosso mundo, chegando até as estruturas identitárias. A nossa realidade é uma construção simbólica.

Poderíamos entender a tentativa de Lacan de confrontar essa leitura. Nós não representamos o mundo, o primado dentro da linguagem não é do significado. O que importa é o próprio significante que não chega até uma representação do mundo. Em outras palavras, a linguagem não chega até a realidade. O Sujeito fica alienado, de certa maneira, de si mesmo, do seu próprio mundo. Ele é falta.

DESEJO: SUJEITO DO INCONSCIENTE

Essa falta reaparece nas leituras freudianas sobre a subjetividade. Freud está seguindo Nietzsche, encontrando no fundo da subjetividade as estruturas que o subvertem. Neste sentido, Freud fala sobre o desejo. O desejo é o sujeito do inconsciente. Desejo vira, poderíamos dizer, o cogito freudiano, o ponto da referência. E o que está na origem dele? Vimos que a linguagem não chega até aos objetos, nem também aos objetos do desejo. Lacan, por aí, volta para as perguntas do idealismo alemão, iniciadas com Kant.

O que está no fundo da nossa relação com o mundo, o que é a coisa em si? Para Kant, a Coisa é quase uma experiência negativa, ligada aos pressupostos iniciais do conhecimento que só o sujeito pode elaborar chegando até o conhecimento. Para Hegel, a Coisa tem a estrutura da negação que se supera no caminho histórico. Essa experiência negativa da coisa se transforma na experiência

da coisa como negatividade, conforme a interpretação Zizek.³ Lacan parece estar seguindo essa implícita teleologia hegeliana do sujeito como falta, do desejo como falta, do desejo que se aproxima às possibilidades da própria significação. A preocupação dele é hegeliana também.

Enquanto Hegel fala sobre a possibilidade da história ou como o ser humano entra na história, Lacan se pergunta como cada um de nós entra na história, no espaço simbólico. A resposta é pela castração e o abandono de uma realização imaginária dos desejos. Sacrificar, proibir a satisfação imaginária implica a aparição do desejo. A ordem simbólica, as leis criam os desejos. A lei nos deixa acreditar que o Real do desejo, o impossível, existe e que podemos reencontrá-lo.⁴ Por que, no final das contas, proibir algo que nem existe?

No Seminário 7, Lacan se confronta com as leituras éticas que escondem essa castração em nome de uma harmonia e do universal. Como nessa situação voltar para o particular, para o diferente? Lacan, por aqui, entendeu o próprio projeto da psicanálise no sentido, também, de uma forte crítica ao capitalismo. Enquanto o capitalismo articula o consumo sem fim, Lacan acha que a gente nunca compra o que a gente deseja. Desejo é a falta.

O *Anti-Édipo* de Deleuze e Guattari é uma forte confrontação com essa reconstrução psicanalítica do nosso desejo. O inconsciente não é necessariamente edipizado, quer dizer, determinado pelo simbólico. A possibilidade de nos entender não é só neurose, mas psicose também. Deleuze e Guattari pegam aqui o exemplo do esquizo. Ele é um rebelde, é uma confrontação com a ordem familiar. E vem algo mais: para a psicanálise, na psicose o inconsciente não pode ser articulado.

A psicose se confronta com a simbolização.⁵ Por isso, o Real nas leituras de Lacan aparece como uma experiência negativa, quase hegeliana, como vimos. Para Deleuze e Guattari, o projeto é outro. Real em todo seu brilho, em toda sua transparência, em toda sua potência. Este é o projeto do *Anti-Édipo*. A psicanálise não vai aparecer só como uma teoria falsa do desejo, mas como uma teoria que acompanha o capitalismo. Ou melhor dizer, como uma das últimas ajudas ao capitalismo.

³ Zizek, S., **Eles não sabem o que fazem**. *O sublime objeto da ideologia*, Rio de Janeiro, 1991, p. 130.

⁴ Stavrakakis, Y., **Lacan and the Political**, London, 2005.

⁵ Smith, D., **Deleuze and the Question of Desire**: Toward an Immanent Theory of Ethics, Em: Jun, N, D., Smith, D., (ed.) **Deleuze and Ethics**. Edinburgh, 2011, p. 126.

É possível, então, pensar a diferença? Com essa pergunta começa a filosofia de Gilles Deleuze e se radicaliza com os posteriores trabalhos com Félix Guattari. Neste caminho, os textos de Spinoza e Nietzsche são as primeiras tentativas de confrontar o niilismo da cultura e de afirmar a vida. A vida que sempre ficou marginalizada pelas visões do ser verdadeiro que encontra em Spinoza e Nietzsche suas primeiras afirmações. Deleuze, assim, vai compreender o eterno retorno nietzschiano não como o retorno do mesmo, das culturas identitárias, mas como o retorno do diferente, do particular, do simulacro. No início era simulacro – são as palavras de Clossowski sobre Deleuze, sobre essa imanência da vida. “Tudo o que eu escrevi era vitalista”, diz Deleuze.⁶

DESEJO: IMANÊNCIA DA VIDA

A psicanálise despertou as esperanças neste contexto ao provocar as discussões sobre a produção do inconsciente. Mas ela rapidamente fechou as possibilidades do próprio projeto colocando em nós os novos elementos repressivos. O desejo é falta, vimos. Não falta nada no desejo. Isso é a leitura do *Anti-Édipo* contra a psicanálise. O desejo não tem objetos, continua por aqui a leitura de Spinoza. Desejo não segue uma teleologia que articula o sentido da nossa vida sempre fora dela. Ele é imanência da própria vida.

O corpo deste desejo se chama Corpo sem Órgãos. “Seus inimigos não são órgãos. O inimigo é o organismo. O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo.”⁷ O Corpo sem Órgãos afirma os rizomas, e não uma teleologia ligada às raízes e árvores. “Estamos cansados da árvore. Não devemos mais acreditar em árvores, em raízes ou radículas, já sofremos muito.”⁸

Essa articulação rizomática dos desejos ajuda talvez a responder uma das críticas contra Deleuze: O que significa desejar o mal? O início da resposta está em Spinoza. O livro dele que fala basicamente sobre a substância tem o título *Ética*. Para Spinoza, onde aparecem os poderes negando a potência da substância, aparece a *Ética* nos voltando para nossa própria natureza e reafirmação da potência.

⁶Deleuze, G., **Pourparlers**. Paris, 1990, p. 196.

⁷ Deleuze, G., Guattari, F., **Mil Platôs**, Vol. 3, Sao Paulo, 2015, p. 24.

⁸ **Ibid.**, vol. 1, Sao Paulo, 2017, p. 34.

A Ética de Spinoza se relaciona com a compreensão da nossa própria natureza. Deleuze poderia dizer que desejar o mal não afirma a possibilidade de produzir as diferenças, mas de impor as identidades. Neste contexto, destaca-se a questão posterior da jurisprudência. Diferença que produz diferenças – este é o projeto que chega até o direito.

Essa imanência da vida que se manifesta aqui e agora se chama *haecceidade*. Ligada aos indivíduos e não aos sujeitos. Ligada às multiplicidades do aqui e agora. Fica assim aberta a pergunta se em Deleuze e Guattari ainda podemos falar sobre os sujeitos. Com a pergunta sobre os sujeitos, Hegel e Marx chegaram a uma teoria social. Deleuze e Guattari sempre foram marxistas, afirma Derrida.⁹ Mas como continua neste contexto o projeto marxista? É possível e como uma teoria social em Deleuze e Guattari? Talvez o próprio desejo ou as máquinas desejantes criam a subjetividade. Vou enfrentar essas perguntas mencionando alguns exemplos da ética, política e direito em Deleuze e Guattari.

No prefácio da edição americana do *Anti-Édipo*, Foucault diz que se trata de um livro profundamente ético. A ética do livro, me parece, está seguindo a diferença que Spinoza faz entre ética e moralidade. Enquanto a moralidade nos liga aos valores transcendentais, aproximando a uma deontologia, a ética trata de uma imanência da própria vida, da ontologia. Portanto, a ética é da imanência. Neste ponto, poderíamos ainda resgatar algo da discussão sobre a psicanálise. No Seminário 20, Lacan voltando para criticar as éticas do passado, afirma o tema da heteridade. A mulher, por exemplo, fala ele, não se identifica com a ordem simbólica. Há “... sempre uma coisa nela que escapa ao discurso.”¹⁰

Isso é o signo de uma confrontação psicanalítica com as culturas identitárias? Talvez. Vou voltar para este assunto depois falando sobre um dos conceitos mais importantes do Deleuze e Guattari o “devir-mulher” ligado às questões do direito. Com ele fica mais claro que com Lacan, pois mesmo falando sobre a heteridade, não se supera a cultura da identidade. Com poucas palavras, a psicanálise não cria nenhuma alternativa.

O ponto importante aqui é que para Deleuze essa alteridade ou heteridade, ainda não articula as rupturas com as identidades. Ela talvez recria os novos lugares transcendentais. O transcendental é o problema para a ética, porque nos afasta da

⁹ Derrida, J., **Il me faudra errer tout seul**, In: *Liberation*, 7.11.1995, p. 38.

¹⁰ Lacan, J., **O Seminário**, Livro 20, Rio de Janeiro, 2008, p. 38.

própria possibilidade de agir. Até o projeto do impossível, ligado a Levinas e Derrida, não é, nada mais, do que outra articulação da nossa impotência elevada ao infinito.¹¹ Como, inclusive, chegamos ao ponto, nosso e atual, de aceitar a servidão e escravidão como se fossem a nossa salvação.

DESEJO: PSICANÁLISE E CAPITALISMO

Essa é a pergunta que perpassa o *Anti-Édipo*. O nosso desejo não é mais nosso. É reificado. Ficou mediado pelo sistema. Do capitalismo que está criando as faltas, repetindo o niilismo cultural. Por isso, capitalismo, sim, é uma anti-produção. A psicanálise voltando para essa leitura do desejo como falta articula um dos últimos apoios ao capitalismo. Podemos falar até sobre “as núpcias da psicanálise com o capitalismo.”¹²

O capitalismo territorializa, cria novas identidades. Aparece com uma dinâmica da produção, mas volta para as identidades dominadas pela lógica mercantil. Por isso, o projeto fica desterritorializar os fluxos; criar, assim, as possibilidades da afirmação das diferenças. Projeto anunciado por Heidegger e radicalizado por Derrida: a idéia da diferença que produz outras diferenças. Um projeto nômade que não recria os territórios. Por isso, *Mil Platôs* se entende como um projeto nômade, como um tratado sobre a nomadologia.

No livro sobre Paulo, Badiou fala sobre a necessidade de um universalismo militante hoje. Superar as diferenças encontrando a verdade delas. O sistema, segundo Badiou, fragmentariza, produz diferenças para nos afastar do universal. A verdade é de todos. Só que neste sentido Badiou já tem como o pressuposto algo que ainda não se afirmou: o próprio conceito da diferença. Enquanto Deleuze fala sobre uma produção das multiplicidades, da diferença, Badiou já inicia as leituras sobre o capitalismo pensando como superar as diferenças.¹³ Mas, como, no final das contas, superar algo que ainda nem se realizou?

Desterritorialização e não subjetivização. Diferença e não criação das novas identidades. Repensar o capitalismo não ligado só a uma leitura econômica, mas a

¹¹ Smith, D., *ibid.*, loc. cit.

¹² Deleuze, G., Guatarri, F., *O Anti-Édipo*, São Paulo, 2014, p. 444.

¹³ Zukauskaité, A., Ethics between Particularity and Universality, In: Jun, N, D., Smith, 9ed. **Deleuze and Ethics**, Edinburgh, 2011, p.204.

questão do desejo. Desejo é revolucionário.¹⁴ Desejo como algo atrás das identidades, incluindo as identidades subjetivas. O *Anti-Édipo* ficou, assim, a continuação da rebelião de 1968. Um dos pontos importantes do movimento estudantil de 1968 foi o ponto da ruptura com a lógica da economia.¹⁵

O marxismo de Deleuze e Guattari não pode ser confundido com o dogmatismo do comunismo. Onde os novos planos e os programas históricos, a nova teleologia, poderíamos dizer, negam a dinâmica e a produção da diferença. O comunismo não escapou da metafísica da identidade. Essa dinâmica é o que Deleuze sempre propôs articular no plano social, o que a direita sempre negou como possibilidade e que a esquerda deformou com uma nova estática da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a ética e a política, o direito também é um processo da dinâmica permanente. Da invenção dos novos direitos. Neste ponto Deleuze fala sobre o direito no sentido da jurisprudência. Mudar as identidades, se abrir para as experiências nômades, para diferença. Direito, fala Lapoujade, “não consiste em legitimar o que existe, mas em fazer existir o que não tem legitimidade, o que ninguém vê nem ouve.”¹⁶ Direito do simulacro. Do que não representa. Do que não se mostra só como a parte do universal. Assim, aparece devir-mulher, devir-animal, devir-negro. Isto é, o questionamento das identidades. Portanto, o devir-mulher fica como devir dos próprios homens.

Pode-se concluir que, em Lacan, a heteridade aparece ligada às mulheres. Mas isso acontece só por causa da mulher não ter falo e escapar, de certa maneira, da ordem simbólica. Heteridade em Lacan tem, então, como o pressuposto a identidade, a identidade do corpo. Para Deleuze o devir-mulher é o projeto para os próprios homens de repensar a própria identidade, para Lacan devir-mulher não aparece nem como o projeto para as mulheres.

Uma vez Michel Foucault articulou a esperança de que o século XX seria chamado o século deleuziano, mas isso não aconteceu. É também um grande recado para Brasil, sobretudo, nesse atual momento tão difícil. Os novos lugares do

¹⁴Deleuze, G., Guattari, F., *ibid.*, 158.

¹⁵Lazzarato, M., **The Concepts of Life and the Living in the Societies of Control**, In: Fuglsang, M., Sorensen, B., M., *Deleuze and the Social*, Edinburgh, 2006, p. 189.

¹⁶ Lapoujade, D., **Deleuze, os movimentos aberrantes**, São Paulo, 2015, p. 275.

pensamento são as zonas tropicais e não as zonas temperadas, diz Deleuze no livro sobre Nietzsche.¹⁷

Talvez nessas zonas tropicais tenham que se procurar as alternativas do mundo. O futuro do Brasil não é seguir as mediocridades e os caminhos estabelecidos e metafísicos da globalização. Isso seria até muito estranho – um país tão grande ficar como uma pequena nota de rodapé na história. Futuro existe só se algo novo se abre, se, se afirma a diferença, se, se afirma a vida. Só assim o futuro do Brasil pode ser este caminho deleuziano que Foucault tanto esperava.

REFERÊNCIAS

Deleuze, G., **Nietzsche et la philosophie**. Paris, 1962.

Deleuze, G., **Pourparlers**. Paris, 1990.

Deleuze, G., Guattari, F., **O Anti-Édipo**. São Paulo, 2014.

Deleuze, G., Guattari, F., **Mil Platôs**. Vol. 1-5, Sao Paulo, 2017.

Derrida, J., **Il me faudra errer tout seul**. In: Liberation, 7.11.1995.

Fuglsang, M., Sorensen, B., M., **Deleuze and the Social**, Edinburgh, 2006.

Jun, N, D., Smith, **Deleuze and Ethics**, 9 ed., Edinburgh, 2011.

Lacan, J., **O Seminário**, Livro 20, Rio de Janeiro, 2008.

Lapoujade, D., **Deleuze, os movimentos aberrantes**, São Paulo, 2015.

Stavrakakis, Y., **Lacan and the Political**, London, 2005.

Zizek, S., **Eles não sabem o que fazem**. O sublime objeto da ideologia, Rio de Janeiro, 1991.

¹⁷ Deleuze, G., **Nietzsche et la philosophie**, Paris, 1962, pp.125-6.

